CISION

Público

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 393,06cm²
Âmbito: Informação Geral
Period.: Diária
Pág: 15

ID: 126225890
22-11-2026

Apoio educativo nas escolas: 92% considera que trabalha demasiado para o salário que recebe

Catarina Pinho

Auxiliares de acção educativa e técnicos das escolas dizem-se preocupados com excesso de trabalho

ANNA COSTA



Ontem foi o Dia Nacional do Trabalhador de Apoio Educativo

Gostam do que fazem, mas sentem que trabalham muito e ganham pouco. É assim que se retratam os trabalhadores de apoio educativo das escolas – que têm tarefas como acompanhar crianças com necessidades especiais, zelar pela limpeza e segurança dos recreios ou garantir o funcionamento da cantina – nos resultados da *Consulta Nacional sobre as Condições de Trabalho dos Trabalhadores de Apoio Educativo*, realizada pela Federação Nacional da Educação (FNE). Mais de 93% consideram que a remuneração não corresponde às responsabilidades das funções que desempenham e mais de 61% acham que a passagem da gestão das infra-estruturas escolares para as autarquias teve efeitos negativos.

Num inquérito realizado a 1646 trabalhadores de apoio educativo nas escolas, a FNE conclui que existe "um forte compromisso e envolvimento com a escola" por parte dos inquiridos, mas este sentimento contrasta com a "percepção de que a valorização salarial e profissional é insuficiente". Os resultados foram apresentados ontem no Porto, durante um evento que assinalou o Dia Nacional do Trabalhador de Apoio Educativo.

Nas questões que avaliam o bem-estar no contexto escolar, a satisfação profissional e a relação com alunos e colegas, as respostas dos trabalhadores foram, na sua maioria, positivas: 86,4% afirmam sentir-se confortáveis com a sua actividade profissional, 89% dizem gostar de trabalhar na escola onde estão colocados e 87,3% consideram boa a relação entre o pessoal docente e não docente.

Além disso, quase 75% dos inquiridos dizem sentir-se realizados profissionalmente. No entanto, as respostas mudam quando questionados sobre as perspectivas para os próximos cinco anos. Apenas 49,1% afirmam querer continuar na mesma actividade, enquanto 10,1% admitem que só se manterão na profissão por falta de alternativas e 17,1% manifestam vontade de mudar de actividade.

"O compromisso com a escola coexiste com sinais de desgaste", conclui a FNE. No que diz respeito às condições de trabalho e às remunerações, os resultados do inquérito revelam um descontentamento expressivo: 92% dos trabalhadores consideram que trabalham demasiado para o salário que recebem e 93,1% afirmam que a remuneração não corresponde às responsabilidades das suas funções.

Avaliar a descentralização

A insatisfação estende-se à valorização profissional, com quase a totalidade dos inquiridos (96,7%) a defender a criação de uma carreira própria, acompanhada de melhores salários e de oportunidades de progressão. Esta reivindicação não é nova, mas surge agora associada a uma avaliação negativa da transferência da gestão do pessoal não docente para as autarquias. Entre os assistentes e técnicos inquiridos, 61,4% consideram que esta mudança teve efeitos negativos nas condições da profissão.

Profissionais mostram-se preocupados com a indisciplina dos alunos em contexto escolar

Recorde-se que, em 2018, os municípios passaram a assumir responsabilidades na gestão das infra-estruturas escolares, no âmbito do processo de descentralização na educação. No entanto, o estudo *Diagnóstico e Avaliação do Processo de Descentralização na Área da Educação*, divulgado em Março, revelou que 72% dos municípios consideram insuficiente o financiamento transferido pelo Estado central para pagar aos assistentes operacionais. Como consequência, a falta de trabalhadores nas escolas e as dificuldades de recrutamento têm sido frequentemente apontadas pelas direcções escolares.

Não se estranha, por isso, que o excesso de trabalho preocupe 91,3% dos trabalhadores inquiridos. O bem-estar emocional, a saúde e as perspectivas de desenvolvimento da carreira são também motivos de preocupação para mais de 85% dos profissionais.

O Orçamento para 2027 prevê um reforço das dotações para os municípios e promete uma melhor articulação. No entanto, a revisão das regras que regem as contratações dos não docentes continua por acontecer.

Comportamento preocupa

No que diz respeito ao ambiente escolar, a maioria dos profissionais (91,9%) manifesta preocupação com o comportamento dos alunos. Entre os problemas identificados estão a dificuldade em cumprir regras, os abusos verbais, a violência entre alunos e o *bullying*. Apenas 6,5% afirmam não identificar qualquer problema relevante no contexto escolar. Apesar destas preocupações, mais de 62% dos inquiridos reconhecem não ter estado directamente envolvidos em nenhuma destas situações. Ainda assim, uma percentagem relevante (28,7%) relata ter sido vítima de abusos verbais por parte de alunos.

Os resultados incluem ainda a percepção dos profissionais sobre a indisciplina em contexto escolar, com 44,2% dos assistentes de apoio educativo a considerarem que esta aumentou em relação ao ano anterior. Contudo, outros 45,9% afirmam que se manteve ao mesmo nível. Uma das dificuldades identificadas prende-se com a articulação com os encarregados de educação, apontada por 29,2% dos inquiridos.